Retorno às atividades presenciais na educação infantil - vol. 2

Agosto
ATUALIZADO
2021

ACOLHIMENTO E PRÁTICAS PEDAGÓGICAS

REALIZAÇÃO

FUNDAÇÃO Maria Cecilia Souto Vidigal

APOIO

Itaú Social

consed
Conselho Nacional de Secretários de Educação

UNDIME
União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação

Índice

1 **apresentação** 4
Panorama 6
Educação e desigualdades 6
Impactos no desenvolvimento infantil 8
Retomada 10

2 **protocolos de segurança sanitária** 12
Transporte, chegada e acolhimento 14
Dentro das salas e ambientes fechados 16

3 **pedagogias para um novo tempo** 18
Acolhimento às crianças 19
Atenção às famílias 21
Planejamento pedagógico 23
As crianças retornaram, e agora? Como avaliar? 24
Cuidados na transição 25
É brincando que se aprende 26
Ideias para o planejamento 27
Sugestões para a reformulação de rotinas 28

4 **acolhida aos profissionais da educação** 30
Sobrecarga 32
Falta de apoio 33
Valorização 33
Saúde mental 35

5 **considerações finais** 36

1

apresentação

Passados três semestres com a maior parte das escolas fechadas em decorrência da pandemia de Covid-19, o Brasil contabiliza os inúmeros prejuízos em diversas esferas: econômica, social, cultural e, sobretudo, educacional.

Este cenário é ainda mais desafiador no contexto da educação infantil, etapa essencial para o desenvolvimento integral da criança. É ali, no âmbito da escola e com o apoio das famílias e da comunidade, que meninos e meninas socializam, desenvolvem laços afetivos e habilidades, aprendendo e se desenvolvendo.

Após tanto tempo com as escolas fechadas, o cenário da educação brasileira é "extremamente grave[1]", como definiu, no início de julho, o Conselho Nacional de Educação (CNE). Por isso, com base em estudos que indicam "significativo aumento das desigualdades e da evasão escolar, além de elevados retrocessos no processo de aprendizagem e aumento do estresse socioemocional dos estudantes e respectivas famílias", a orientação do CNE é de que **a volta às atividades presenciais em todo o país seja prioritária**.

Para além dos cuidados sanitários, esse retorno precisa levar em consideração outros fatores como a adoção de novas práticas pedagógicas, acolhimento às crianças e às famílias, bem como a atenção à saúde mental dos professores e demais profissionais das escolas, que precisaram se reinventar e foram intensamente demandados durante o período de atividades remotas ou híbridas. Contribuir com gestores públicos e educacionais em relação a esses três aspectos é o objetivo desta publicação.

1. Diretrizes Nacionais orientadoras para a implementação de medidas no retorno à presencialidade das atividades de ensino e aprendizagem e para a regularização do calendário escolar. Disponível aqui.

PANORAMA

Apesar de todo o esforço empenhado por professores, redes, escolas e pais para seguir com as atividades pedagógicas, ainda que de forma remota, os impactos dessa nova realidade são evidentes especialmente na educação infantil, em que a presencialidade potencializa interações e brincadeiras, essenciais para o desenvolvimento da criança.

Diversos estudos foram realizados desde o início da pandemia com o objetivo de mapear as principais consequências do distanciamento da escola na vida das crianças. Alguns deles são apresentados a seguir.

Educação e desigualdades

A disparidade regional na oferta e no acesso à educação remota foi mapeada pelo Instituto Ruy Barbosa. Com base em informações fornecidas por autoridades educacionais municipais de 184 redes, foi constatado que, enquanto atividades remotas **para a educação infantil aconteciam diariamente nas regiões Sul e Sudeste em 29% dos municípios, na região Norte essa periodicidade era verificada em apenas 15% das cidades**. No Nordeste, o envio diário de conteúdo para meninos e meninas com até 6 anos havia sido adotado por 33% dos municípios. De modo geral, **menos de um terço das cidades entrevistadas ofertaram conteúdos diariamente para a educação infantil.**

Ofertaram conteúdos diariamente para a educação infantil

29% dos municípios nas regiões Sul e Sudeste

15% dos municípios na região Norte

33% dos municípios na região Nordeste

Base analisada: 184 redes municipais de educação

Em outra frente, o Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF) e o Centro de Estudos e Pesquisas em Educação, Cultura e Ação Comunitária (Cenpec) verificaram que, em novembro de 2020, **5,1 milhões de crianças a partir dos 6 anos e adolescentes brasileiros estavam sem aulas presenciais ou a distância**. Isso porque, além do **1,5 milhão de crianças e adolescentes que não estavam matriculados, outros 3,7 milhões não tiveram acesso às atividades escolares.**

De acordo com o estudo, **esse dado representa um retrocesso de 20 anos no acesso à educação básica**. Além disso, a exclusão escolar teria atingido, sobretudo, crianças de faixas etárias para as quais o acesso à escola não era mais um desafio: 41% tinham de 6 a 10 anos de idade.

Apesar deste quadro preocupante, **em junho de 2021**, a União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime), com apoio do UNICEF e do Itaú Social, escutou 3.355 gestores municipais e constatou que em **40,4% das redes ouvidas o processo de construção de protocolos sanitários ainda estava em andamento, e em 2,6% ele sequer tinha sido iniciado**.

Enquanto isso, pesquisa feita pelo Vozes da Educação, a pedido da Fundação Lemann, constatou **que crianças de países que ficaram menos dias com escolas fechadas durante a pandemia não tiveram grande perda no processo de aprendizagem ou sequer tiveram algum déficit.**

5,1 milhões de crianças a partir dos 6 anos estavam sem aulas presenciais ou a distância, sendo que

1,5 milhão não estavam matriculadas e

3,7 milhões não tiveram acesso às atividades escolares.

Impactos no desenvolvimento infantil

O Laboratório de Pesquisa em Oportunidades Educacionais (LaPOpE), da Universidade Federal de Rio de Janeiro (UFRJ), está desenvolvendo um estudo em parceria com a Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal sobre os efeitos da interrupção das atividades presenciais no desenvolvimento das crianças com 4 e 5 anos das redes pública, privada e conveniada de dois municípios, um na região Sudeste e outro na região Nordeste. As coletas de dados em 62 escolas com diretores, professores e responsáveis pelas crianças aconteceram entre outubro e novembro de 2020.

Os resultados preliminares sugerem **barreiras para a implementação do ensino remoto**. Na amostra da rede pública de ensino, aproximadamente 33% dos professores disseram não manter contato com as famílias. Esse número é bem menor quando comparado com os docentes das escolas privadas (10%).

Mesmo nos contextos em que não há limitações relacionadas à infraestrutura e materiais, tanto professores quanto responsáveis relatam um **baixo engajamento das crianças nas atividades síncronas/ao vivo**. Em torno de 45% dos professores das escolas privadas e conveniadas disseram contar com menos da metade das crianças nessas atividades e 38% indicam um baixo engajamento delas. Os dados reforçam que, para além do desafio de garantir que todas as famílias e professores tenham acesso à internet e *tablets* ou computadores, há também um desafio pedagógico que precisa ser enfrentado.

Em adição à esfera educacional, a pesquisa *O Brincar nas Favelas Brasileiras*, realizada pelo movi-

45%
dos professores de 62 escolas privadas e conveniadas disseram contar com
menos da metade
das crianças nas atividades

38%
indicam um baixo engajamento delas.

mento Unidos pelo Brincar, mostra a redução dos espaços para as brincadeiras das crianças com idades entre 0 e 6 anos. Se antes **os lares eram o principal espaço de brincadeiras para 63% das crianças de 813 mães entrevistadas, com as medidas de distanciamento social esse índice saltou para 85%. Já a escola ou a creche como espaço para brincadeiras caiu de 50% para 9%.**

O Observatório da Infância e Educação Infantil (ObEI), vinculado à Universidade do Estado da Bahia (Uneb), realizou um estudo com meninos e meninas com idades entre 0 e 5 anos e suas famílias, entre julho e setembro de 2020, e constatou que as **crianças demonstram sentir falta da escola e dos professores e nomeiam sentimentos contraditórios quanto a ficar em casa e conviver mais com a família.**

No que se refere à segurança alimentar e nutricional, o UNICEF entrevistou 1.516 adultos e constatou que 8% daqueles que moram com pessoas menores de 18 anos declararam que as **crianças e os adolescentes do domicílio deixaram de comer por falta de dinheiro para comprar alimentos. Entre aqueles de classes D e E, a proporção chega a 21%**. Além disso, **42% das famílias que recebem até um salário mínimo deixaram de ter acesso à merenda escolar**, recurso fundamental para garantir a segurança alimentar de crianças e adolescentes em situações de vulnerabilidade.

RETOMADA

Como voltar no tempo não é uma possibilidade, a hora é de olhar para o presente e trabalhar para reduzir os impactos da pandemia, especialmente no que se refere à garantia de uma educação de qualidade às crianças brasileiras.

Assim, este guia tem como objetivo auxiliar os gestores municipais e suas equipes na reabertura das unidades de educação infantil, com enfoque nos aspectos pedagógicos, incluindo o acolhimento de crianças, profissionais e famílias. As informações aqui apresentadas têm como base artigos científicos, dados, informações oficiais e entrevistas com profissionais de várias áreas, incluindo saúde, educação e gestão pública. Sugere-se que as decisões também ocorram de forma multidisciplinar e sigam as orientações das autoridades sanitárias.

É preciso frisar que, por se tratar de uma situação inédita, os conhecimentos e sugestões aqui elencados não pretendem ser definitivos. Trata-se de enriquecer os debates locais e nacional com subsídios, alertando que o diálogo, as análises e, consequentemente, as ações das autoridades e dos profissionais da educação devem evoluir conforme surjam novas evidências a partir da própria experiência de reabertura das unidades.

Nesta linha, é bom ter em mente quatro considerações iniciais para o bom uso deste material:

1 Por tratar-se de uma questão de saúde pública, todos os segmentos da sociedade devem agir de acordo com as recomendações oriundas das autoridades sanitárias, apoiadas em evidências científicas. Cabe a essas autoridades definir o relaxamento das medidas de distanciamento social, com um retorno gradual à normalidade, dentro de parâmetros sanitários seguros.

2 A educação infantil, por atender crianças pequenas, traz desafios diferentes das outras etapas da educação básica no processo de reabertura que devem ser levados em consideração na retomada das atividades. Como preconiza a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), uma educação infantil de qualidade deve promover a aprendizagem e desenvolvimento por meio de experiências concretas, interativas, lúdicas e contextualizadas.

3 As recomendações aqui apresentadas não são engessadas e podem não atender a todas as realidades. Entende-se que cada município ou instituição tomará decisões localizadas e moldadas pelos seus contextos, espelhando as possibilidades e desafios de cada rede. Há que ser frisada, porém, a importância da cooperação intersetorial em todas as etapas do processo.

4 A reabertura das escolas precisa ser amparada por práticas que considerem os direitos das crianças, as necessidades das famílias, as devidas alterações no espaço, a disponibilização de novos equipamentos e materiais diversos e, finalmente, os necessários cuidados com as equipes de profissionais.

Bom retorno às atividades presenciais!

2

protocolos de segurança sanitária

Tão importante quanto a adoção de novas práticas pedagógicas e o acolhimento, temas sobre os quais falaremos adiante, a comunidade escolar também precisa estar bastante atenta e implementar cuidados sanitários, pois a pandemia de covid-19 ainda não chegou ao fim.

Trata-se de medidas simples, mas comprovadamente seguras para evitar a disseminação do novo coronavírus e suas variantes.

Nas imagens a seguir, apresentaremos uma síntese com os principais procedimentos a serem adotados no ambiente escolar. Para mais informações, acesse o guia atualizado Volume I - Retorno às atividades presenciais na educação infantil, disponibilizado pela Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal.

TRANSPORTE, CHEGADA E ACOLHIMENTO

Disponibilizar local para a **higienização das mãos.**
Sinalizar os caminhos a serem seguidos pelas crianças com cartazes ou pinturas no chão (se possível, transforme essas rotas em brincadeiras).
Manter as **crianças dentro dos seus grupos** (bolhas), evitando contato com crianças de outras turmas.
Estabelecer **novas formas de cumprimento** (sem beijos e abraços).
Utilizar **máscara** e manter as **janelas abertas também no transporte escolar.**

DENTRO DAS SALAS E AMBIENTES FECHADOS

2. Instruções sobre o uso de máscaras

3

pedagogias para um novo tempo

O retorno às atividades presenciais requer um novo planejamento pedagógico, em ação similar à que é feita no início de cada período letivo. Isso implica pensar em novas oportunidades de inserir e acolher os meninos e as meninas, tendo em vista o longo tempo de afastamento.

Quanto menores as crianças e menos experiências tenham tido no espaço da instituição, maior a necessidade de cuidados para a adaptação ao espaço e às rotinas, assim como para o estabelecimento de vínculos afetivos com os profissionais.

Por isso, é essencial que a unidade de ensino esteja atenta e prepare atividades de acolhimento às crianças, suas famílias e aos profissionais da educação, como também reveja suas práticas pedagógicas no sentido de garantir a essência da educação infantil, valorizando brincadeiras e as integrações entre as crianças, além de reconhecer as novas realidades impostas aos meninos e meninas, bem como as aprendizagens realizadas durante a pandemia.

Acolhimento às crianças

- A reinserção poderá ser feita com a presença do familiar na instituição, no pátio ou em outro espaço arejado, como uma sala reservada para este fim. Em função dos riscos de contaminação, não é recomendada a presença dos familiares na sala das crianças.
- O tempo de permanência das crianças na instituição deverá ser ampliado gradualmente, de acordo com o processo de cada uma. Considere que algumas famílias poderão ter dificuldade de permanecer na unidade ao longo da reinserção, o que exige um planejamento individualizado com propostas adequadas à cada situação.
- Caso a unidade educativa tenha oferecido atividades ao longo do período do distanciamento social, é necessário avaliar como as crianças se sentiram e se os vínculos foram mantidos. Valorize todas as informações e conhecimentos já construídos sobre cada criança, fazendo uso dessas informações para os novos planejamentos.
- Os processos de aprendizagem das crianças não foram paralisados

durante o período em que deixaram de frequentar as creches e pré-escolas. Em diferentes medidas, eles tiveram continuidade por meio de interações e brincadeiras no ambiente doméstico. Assim, cabe aos professores avaliar como cada criança retorna ao ambiente educacional, procurando endereçar no seu planejamento pedagógico as necessidades coletivas e individuais de aprendizagem.

- É importante que as crianças possam expressar seus sentimentos. É provável que muitas retornem agitadas, chorosas ou mesmo agressivas. Procurar saber como foi o período de distanciamento para cada família é um passo importante para antecipar essas reações e preparar-se para elas. Muitas famílias podem ter vivido situações dramáticas como a morte de familiares e amigos, perda de emprego e dificuldade de manter as necessidades básicas, como alimentação, com reflexos diretos nas crianças.
- Observar as crianças constantemente é uma ação pedagógica prioritária. Todos os profissionais deverão estar atentos às manifestações das crianças, respeitando suas reações e proporcionando experiências saudáveis que possam ajudá-las a superar desafios.
- Procure tornar a sala das crianças um local tranquilo e acolhedor. Murais e paredes fazem parte da ambiência educativa e precisam ser significativos para as crianças. Evite murais excessivamente coloridos ou estereotipados. Melhor: aguarde as crianças para que os murais sejam construídos com elas e suas produções.
- Violência doméstica ou sexual e negligências podem também fazer parte desse cenário. Sentimentos de culpa, medo ou vergonha podem ser consequência de tais experiências. Pode ser necessário solicitar ajuda de profissionais da área da saúde, bem como, em alguns casos, notificar o Conselho Tutelar da região para que as medidas cabíveis sejam tomadas. Nesse caso, busque o grupo intersetorial local para encaminhar as ações.

Atenção às famílias

- Converse com os responsáveis sobre a importância da escola na vida das crianças e a segurança que o ambiente escolar com protocolos traz em relação à prevenção da transmissão da covid-19.
- Incentive o retorno presencial para amenizar as consequências que mais de 18 meses de isolamento tiveram para o desenvolvimento físico, psíquico-emocional, e educacional das crianças.
- Atente-se para a importância da qualidade da comunicação com as famílias, especialmente neste momento em que o retorno à creche e à pré-escola pode vir acompanhado da necessidade de retorno dos familiares ao trabalho, gerando questões e ansiedades em todos. Informes e comunicados não substituem o poder de uma conversa, mesmo que por conta da pandemia precise ser feita por áudios no celular. O importante é ter esse diálogo aberto e contínuo. Acolha medos e dúvidas, atente-se não só para as dificuldades, mas também para as potências de cada família. Seja transparente, inclusive ao falar de riscos, buscando esclarecer e dar segurança.
- Use recursos de mídias sociais para facilitar a comunicação, caso possível.
- A primeira medida, para isso, é atualizar a ficha cadastral das crianças, em especial os números para contatos emergenciais.
- No contato com as famílias, é preciso discutir os critérios e procedimentos assumidos pelas instituições, assim como a necessidade de observar e acompanhar a saúde das crianças, recorrendo às unidades de saúde sempre que necessário.
- Priorize a utilização da agenda, caderno de anotações das crianças ou aplicativos específicos como forma de comunicação entre a instituição e a família, evitando ao máximo o contato social nesse retorno.

- Converse sobre a necessidade de informar a instituição se e quando houver o acometimento de qualquer membro da família por covid-19, mantendo a criança em casa.
- Oriente sobre o respeito à área delimitada para as famílias, no momento da aferição de temperatura das crianças, assim como no período de reinserção.
- Explique a importância do uso das máscaras, tanto pelos profissionais e familiares quanto pelas crianças (acima de 2 anos). A família deve conversar com a criança sobre as modificações na rotina e prepará-la para encontrar os adultos e outras crianças utilizando máscaras. Compartilhe informações sobre como devem ser as máscaras caseiras, de acordo com orientações da Organização Mundial da Saúde (OMS), e conhecimentos, alertando sobre as medidas de higiene e distanciamento social necessárias. Uma boa referência é o livro *Vamos conversar sobre coronavírus*.
- Incentive a manter a vacinação das crianças atualizada.
- Planeje com as famílias a retirada gradual de chupetas, tendo em vista o potencial de contaminação em uma eventual e corriqueira troca entre as crianças.
- Oriente famílias que necessitem de assistência social a procurar o Centro de Referência de Assistência Social (CRAS) do território.
- Oriente as famílias sobre as unidades de saúde referência do território.
- A brincadeira é crucial e deve fazer parte das conversas com as famílias. Incentive-as a criar espaços e situações para brincar com as crianças. Caso seja possível, ou necessário, um repertório de brincadeiras poderá ser disponibilizado. Para saber mais: *Guia de atividades e brincadeiras para crianças de 0 a 6 anos.*
- Discuta também os cuidados no transporte público e/ou no transporte escolar, de acordo com a realidade das famílias. Oriente que, caso seja possível, somente um adulto leve a criança à unidade

Planejamento pedagógico

- As unidades de educação infantil são espaços de interações e brincadeiras cotidianas. Embora as práticas tenham de ser alteradas, é preciso garantir que as crianças tenham experiências positivas. Carinho, afeto e acolhimento são palavras que deverão nortear o fazer pedagógico.
- As decisões pedagógicas deverão ser fundamentadas nos documentos oficiais: Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Infantil (DCNEI) e Base Nacional Comum Curricular da Educação Infantil (BNCCEI), assim como o currículo do sistema de ensino e projeto pedagógico de cada instituição, evitando rupturas e perda de intencionalidade pedagógica. A partir daí será possível planejar as ações com vistas ao bem-estar de todos.
- Curiosidades, experimentações, convívios e participação continuam a fazer parte das intencionalidades do trabalho educativo.

SUBSÍDIOS PARA O PLANEJAMENTO PEDAGÓGICO

A Educação Infantil na Base Nacional Comum Curricular

Diretrizes Curriculares para a Educação Infantil no Brasil

BNCC na Educação Infantil

Campos de Experiências na Educação Infantil

As crianças retornaram, e agora? Como avaliar?

Importante lembrar que cada criança chegará à instituição com experiências de aprendizagem diferentes, que podem incluir os objetivos das atividades propostas remotamente e ainda as aprendizagens realizadas de modo informal, no cotidiano. Esse cenário torna-se desafiador para os profissionais da Educação, já que o afastamento físico das crianças torna o processo de avaliação ainda mais delicado.

Assim, é fundamental ouvir as crianças e suas famílias, buscando identificar tais experiências e aprendizagem, registrando tais impressões. É vital observar as crianças e acompanhar seu desenvolvimento, tendo em vista aquilo que foi proposto inicialmente, em um movimento que se assemelha à avaliação diagnóstica. As informações anteriores da criança (caso existam), devem ser utilizadas como parâmetro, lembrando a individualidade necessária da avaliação na educação infantil. Essa checagem é essencial para dar continuidade aos processos de aprendizagem e permitir ao professor fazer um planejamento, de modo a atender as necessidades das crianças de seu grupo. É sempre bom lembrar que as comparações entre as crianças com finalidade classificatória não devem ser utilizadas, já que a avaliação se sustenta na possibilidade de reflexão e mudanças nas práticas educativas.

Cuidados na transição

Para um grupo de crianças, aquelas com 5 anos, pode ser que a experiência escolar presencial na educação infantil se resuma ao período restante do ano, tendo em vista que muitas delas estarão no Ensino Fundamental no próximo ano letivo.

Essa possibilidade requer de todos os profissionais da educação um olhar redobrado de cuidados – tanto na educação infantil como no Ensino Fundamental. Inicialmente, um olhar atencioso que acolha as crianças em seus medos e receios, garantindo a todas elas as vivências infantis, o direito à brincadeira e às interações, como fatores essenciais de desenvolvimento humano. Nesse momento de tantas rupturas causadas pela pandemia, precisamos planejar meios para a continuidade dos processos educativos.

Em relação aos objetivos de aprendizagem e desenvolvimento da educação infantil, é necessário reafirmar, por meio das propostas curriculares de cada município, aquelas aprendizagens que são consideradas essenciais, e focar, ao longo dos meses, o olhar e as intenções educativas nessa direção, sem perder de vista a centralidade das crianças no processo de planejar. Reafirmar os compromissos educativos da etapa da educação infantil, buscando oferecer às crianças um trabalho de qualidade com vistas a um processo de continuidade na etapa seguinte.

É brincando que se aprende

A brincadeira precisa ser valorizada por seu potencial cognitivo, mas também terapêutico. Ela é um direito de todas as crianças, a principal linguagem infantil. As brincadeiras são representações da realidade e da fantasia e devem ser entendidas como um meio de aprendizagem e desenvolvimento pleno. Em um período complexo como o que estamos vivendo, a criança tem a oportunidade de vivenciar uma realidade diferente por meio da exploração e imaginação. Além disso, ao brincar, ela expressa seus sentimentos e ideias, tornando a brincadeira uma necessidade psicológica. Há que se destacar, ainda, a importância do brincar enquanto um forte ativo no processo de retomada das atividades presenciais, lembrando que essas atividades devem ser desenvolvidas, de preferência, em ambientes abertos.

Ao brincar, as crianças podem elaborar seus medos, reviver situações, reinterpretando e criando novas significações para o vivido. Todos os profissionais precisam estar cientes dessa importância e empenhados em proporcionar oportunidades para o livre brincar, especialmente no período pós-retorno presencial, alternando com brincadeiras dirigidas, de acordo com o cotidiano das crianças nas unidades. Brincadeiras individuais, com a utilização de brinquedos e materiais não estruturados, são uma opção, assim como brincadeiras coletivas. Vale lembrar que, embora o distanciamento físico não seja obrigatório, o ideal é que sejam priorizadas brincadeiras nas quais o contato entre as crianças seja minimizado, como “Macaco Mandou” e suas variações regionais.

Ideias para o planejamento

A unidade educativa reflete as questões vividas pela sociedade, contribuindo para as transformações sociais. Profissionais, famílias e crianças retornarão a esse espaço modificados após o distanciamento social, com novos hábitos, posturas e conhecimentos, o que faz com que a instituição também se transforme e promova situações que permitam às crianças entender o que acontece no mundo.

Todos os profissionais da educação estão imbuídos da vontade de criar novos procedimentos, técnicas e rotinas para o retorno. Estamos construindo juntos um novo capítulo na história da educação. Assim, as partilhas de saberes e novas ideias potencializam ações, tornando-as mais específicas e potentes.

Para isso, é importante incentivar e promover discussões e debates entre os profissionais, contando com suas contribuições para criar estratégias que respondam às demandas locais. As dificuldades ante a nova situação podem ser vistas como oportunidade para ajudar as crianças a desenvolverem o autocuidado.

Neste momento, é preciso adaptar práticas, colocando a saúde e a segurança de todos em primeiro plano. As novas propostas, entretanto, precisam considerar preceitos básicos como:

- As interações e as brincadeiras.
- A singularidade e subjetividade das crianças.
- Os contextos socioculturais.
- A indivisibilidade do desenvolvimento infantil.
- A criança como construtora de seus conhecimentos.
- Os direitos que as crianças têm de conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se.
- Os processos lúdicos.
- Os afetos como mediadores das relações sociais.

Sugestões para a reformulação de rotinas

1 Ouça as crianças. Deixe que falem sobre o coronavírus, seus medos, raivas, tristezas e fantasias e que expressem suas ideias através da oralidade, da arte, do corpo e do movimento.

2 As crianças pequenas usam o corpo e o choro como forma de expressão. É preciso dar visibilidade e responder positivamente às emoções delas, olhando nos olhos e demonstrando interesse.

3 Discuta temas sensíveis como doença, morte e luto sempre que forem demandas das crianças.

4 Evite expressões como "foi dormir para sempre", ou alusões de cunho religioso, trazendo experiências cotidianas para a discussão: a morte de animais de estimação, de plantas e o próprio processo natural da vida. Use a literatura como facilitadora.

5 Converse diariamente sobre as dúvidas que elas tenham e sobre novas práticas cotidianas, como o uso de máscaras e a lavagem constante das mãos, explicando as razões para os novos cuidados de higiene, permitindo que as crianças construam novos significados em relação ao autocuidado.

6 Um exemplo de material que pode ajudar nas conversas é a *Carta às meninas e aos meninos em tempos de covid-19*.

7 Associe o momento a canções que envolvam os procedimentos corretos de higienização. Construa tabelas ou gráficos para as crianças marcarem um X a cada lavagem de mãos realizada, incentivando-as a participarem ativamente do processo.

8 A escuta atenta e o olhar sensível dos professores permitirá que se explore a curiosidade das crianças, ampliando o conhecimento sobre as temáticas que mais lhes interessam através de projetos investigativos.

As crianças podem ter interesse em temáticas relacionadas à pandemia, que tem o potencial de gerar aprendizagens importantes.

9 Brinque com as crianças sobre novos hábitos de etiqueta ao tossir ou espirrar, levando o braço ao rosto, estimulando-as a fazer o mesmo.

10 Crie novas formas de cumprimento — com cotovelos, calcanhares ou uma inventada por elas — que podem estampar cartazes e ganhar nomes.

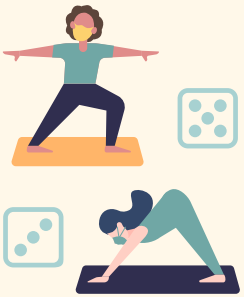
11 Explore os ambientes externos o máximo possível. Projetos investigativos sobre a natureza e sustentabilidade são ricas possibilidades para a construção de uma nova relação com a vida e a morte. Caso não seja possível, busque trazer a natureza para a sala, com a criação de pequenas hortas que dêem às crianças experiências similares.

12 Construa com as crianças, no início de cada dia, roteiro das atividades que serão vivenciadas, para que entendam em que momento do dia estão e tenham conhecimento sobre as experiências que serão propostas. Isso ajudará as crianças a sentirem-se seguras e permitirá que "registrem" o tempo até o retorno para casa.

13 Proponha conversas que envolvam valores como solidariedade, empatia e compaixão, valorizando as experiências infantis, reforçando os laços de coletividade nas atividades cotidianas.

14 Proponha atividades com o corpo, tais como:

LANCE O DADO E PRATIQUE AS DIFERENTES POSTURAS DO YOGA



4

acolhida aos profissionais da educação

A urgência com que as escolas foram fechadas fez com que professores, gestores e demais profissionais da educação também fossem fortemente impactados pelos desdobramentos da pandemia de covid-19. De um dia para o outro, a interação direta com as crianças, o olho no olho, o incentivo e apoio nas interações e nas brincadeiras foram substituídos por contatos virtuais.

Independentemente da solução encontrada pela unidade ou pela rede de ensino, os professores precisaram se reinventar para que a aprendizagem de meninos e meninas não fosse interrompida. Novas metodologias e linguagens precisaram ser implementadas — e até criadas. Acolher os professores nessa retomada passa por reconhecer que o esforço que fizeram, com todos os erros e acertos, dificuldades e aprendizados, deve-se ao compromisso com seu trabalho e com o desenvolvimento das crianças.

Diante desse quadro, assim como as crianças e jovens, os docentes também sofreram com dificuldades técnicas e desgaste emocional. Com o objetivo de mapear esse cenário, uma pesquisa realizada pela Nova Escola, em maio de 2020, ouviu mais de oito mil professores da educação básica de todo o país e constatou que, passados dois meses desde o início da pandemia — e das atividades e aulas remotas — **mais de 50% dos educadores não haviam recebido qualquer formação para atuarem nesse novo contexto**. Entre os resultados, naquele momento, **28% dos respondentes avaliaram seu estado mental como péssimo**.

Sobrecarga

O desafio de se reinventar veio acompanhado do aumento expressivo da carga de trabalho dos docentes, como mostra levantamento realizado pela Fundação Carlos Chagas em parceria com a Unesco e o Itaú Social. Após ouvir 14.285 docentes da educação infantil e do ensino fundamental de todo o país, a pesquisa constatou que, **para mais de 65% dos respondentes, o trabalho pedagógico mudou e aumentou**, com destaque para as atividades que envolvem interface e/ou interação digital (responder e-mail, WhatsApp, participar de reuniões pedagógicas a distância e dar suporte às famílias dos alunos, por exemplo).

Ao segmentar os resultados de acordo com o perfil da rede de ensino, a pesquisa aponta que para **67% dos docentes das redes municipais a demanda de trabalho aumentou**. Apesar de todo esse esforço, **apenas cerca de 50% dos professores acreditavam que os estudantes estavam obtendo a aprendizagem desejada; 34% indicavam que a maior parte estava fazendo as atividades propostas; e 22,3% avaliaram que a minoria dos estudantes estava empenhada na realização dos exercícios encaminhados**. Além disso, **53,8% dos docentes relataram o aumento de quadros de ansiedade e depressão entre seus alunos**.

67%
dos docentes entrevistados afirmam que a demanda de trabalho aumentou

50%
dos professores acreditavam que os estudantes estavam obtendo a aprendizagem desejada

53,8%
dos docentes relataram o aumento de quadros de ansiedade e depressão entre crianças e adolescentes

Falta de apoio

Uma parcela significativa do aumento da carga de trabalho dos profissionais da educação se deu em virtude da necessidade de encontrar alternativas para garantir a continuidade da formação educacional das crianças e adolescentes, ainda que de forma remota. Visando conhecer as soluções encontradas e as consequências da pandemia no sistema educacional brasileiro, entre fevereiro e maio de 2021, o Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) aplicou, durante a segunda etapa do Censo Escolar 2020, um questionário suplementar para apurar informações relativas ao desenvolvimento e o rendimento dos estudantes brasileiros ao término do ano letivo.

Entre as constatações está a de que, passado aquele momento inicial mapeado pela Nova Escola, no final do ano somente **53% das escolas das redes municipais haviam preparado os professores para usarem métodos ou materiais dos programas de ensino não presencial**, ou seja, houve pouca evolução nesse cenário.

Além disso, na maior parte das unidades de ensino, **a responsabilidade por garantir a estrutura necessária para as aulas remotas ficou a cargo dos professores**. De acordo com o Inep, 19,7% das escolas municipais disponibilizaram equipamentos, como computador, *notebooks*, *tablets* e *smartphones*. Em relação ao acesso gratuito ou subsidiado à internet em domicílio, o levantamento mostra que ele foi uma realidade em apenas 2,2% das redes municipais.

Valorização

Com desdobramentos também no ambiente familiar, o ensino remoto contribuiu para que os responsáveis, de modo geral, valorizassem ainda mais o trabalho dos professores. Segundo a Onda 5 do estudo *Educação não presencial na perspectiva dos estudantes e suas famílias*, realizado em novembro de 2020 pela Imaginable Futures, Fundação Lemann, Itaú Social e Datafolha com 1.015 responsáveis por estudantes da rede pública, 79% dos entrevistados declararam que receberam algum apoio da escola

durante a pandemia; principalmente professores disponíveis para tirar dúvidas.

No levantamento anterior (Onda 4), que ouviu 1.021 responsáveis em setembro de 2020, 51% deles declararam estar participando mais da educação dos estudantes do que antes da pandemia, especialmente nos anos iniciais. Nesse cenário, **71% dos responsáveis passaram a valorizar mais o trabalho desenvolvido pelos docentes e consideravam muito importante ter professores disponíveis para correção de atividades e esclarecimento de dúvidas durante as aulas remotas**.

O comprometimento dos docentes com o atendimento das necessidades dos estudantes e dos familiares ficou mais uma vez evidenciado na Onda 6 do estudo, realizada em maio de 2021 com 1.315 responsáveis, quando 72% das famílias disseram ter professores disponíveis para tirar dúvidas e 76% declararam que, quando algo incomoda na educação dos filhos, elas entram em contato com os professores para conversar sobre o assunto. Esse dado reforça que, como a maior parte do ensino remoto se deu através de material impresso e conversas pelo WhatsApp no celular, professores tiveram que se desdobrar em atendimentos muito mais individualizados, junto a criança, adolescentes e responsáveis.

CUIDANDO DAS EMOÇÕES E DOS SENTIMENTOS DOS PROFISSIONAIS

- Estimule a organização de reuniões periódicas, em locais arejados e mantendo o distanciamento necessário, com intuito de criar espaços de fala para os profissionais, estreitando os laços afetivos e fortalecendo as ações.
- Crie espaços de relaxamento para professores onde possam, individualmente e com distanciamento seguro, retirar a máscara por alguns minutos.
- O momento exige resiliência de todos e é propício para valorizar o trabalho com as habilidades socioemocionais, ampliando o conhecimento sobre a temática e desenvolvendo projetos com/para profissionais e crianças.
- Invista na formação continuada dos professores. A concepção de crianças e infâncias, o olhar sobre o desenvolvimento infantil e sobre as práticas e propostas para as crianças requer professores bem formados. Aprender sobre sentimentos, emoções e saúde mental é oportuno, assim como discutir diretrizes para o trabalho pedagógico.

Saúde mental

Se por um lado todos esses dados mostram como os docentes se empenharam em um amplo — e rápido — processo de reinvenção que extrapolou as práticas pedagógicas, por outro eles dão um breve panorama dos desafios enfrentados por esses profissionais nos últimos três semestres.

Para além dos desafios profissionais, não se pode ignorar os impactos dessas mudanças na saúde mental e no esgotamento dos professores brasileiros. Por isso, tão importante quanto valorizar a atuação deles para mitigar os impactos da maior crise educacional do século, é reconhecer que não se trata de super-heróis, mas de seres humanos que precisam ser acolhidos nas suas necessidades e fragilidades.

Além disso, assim como as crianças sentiram falta das atividades presenciais, e de toda a socialização que elas proporcionam, também os professores sentiram ausência do encontro com as crianças e demais adultos.

Vale ressaltar, ainda, que o desafio de se retomar o ritmo das aprendizagens será enorme, demandando ainda mais apoio aos professores. Crianças de uma mesma turma regressarão com experiências muito distintas da pandemia, com hiatos significativos de socialização.

Os desafios colocados diante dos profissionais de educação com a reabertura das escolas são muitos. Eles estarão na linha de frente no acolhimento das crianças e suas famílias. É preciso que estejam fortalecidos, bem orientados e acolhidos nas suas demandas pessoais e profissionais.

Nesse sentido, o trabalho colaborativo entre professores e o papel da gestão escolar ganham ainda mais peso como parte dos esforços de apoio e acompanhamento do trabalho docente.

5

considerações finais

Como vimos, a retomada das atividades presenciais na educação infantil traz desafios que vão além da adoção dos protocolos de segurança. A revisão de práticas, metodologias e o acolhimento da comunidade escolar também são etapas essenciais para a superação deste momento de crise.

Estabelecer novas dinâmicas para o processo de aprendizagem é algo que vai além de uma reestruturação física, passando pela quebra de paradigmas e demandando grande capacidade de resiliência de toda a comunidade escolar. No contexto de retorno das atividades presenciais depois de um longo período de distanciamento do ambiente escolar, muita coisa está sendo reinventada, na prática. Podemos assim pensar que a retomada também é uma oportunidade para equipes escolares mobilizarem todos os seus aprendizados obtidos durante a pandemia, avançando no trabalho colaborativo e em estratégias de docência cada vez mais engajadoras.

Os desgastes ocasionados por essa realidade junto a gestores educacionais, docentes e demais profissionais da educação não podem ser ignorados, assim como também não podem ser esquecidas as características e demandas específicas das crianças que frequentam a educação infantil. Nesse sentido, é fundamental reconhecer que a escola não pode ser deixada sozinha nos esforços de retomada. Estratégias multissetoriais, envolvendo organizações sociais e outros equipamentos públicos no território, terão um papel muito importante na garantia do desenvolvimento integral de cada e de toda criança.

Unir esses cuidados aos estabelecidos pelos protocolos sanitários é essencial para garantir uma retomada segura do ponto de vista da saúde física, mas também para assegurar a saúde emocional dos que frequentam a escola, estimular a socialização e mitigar os impactos ocasionados na aprendizagem de meninos e meninas.

A retomada das atividades presenciais é prioridade para garantir o direito de cada criança e promover seu desenvolvimento pleno. E esse processo deve ser acompanhado da oferta de uma educação de qualidade que depende da sensibilização e mobilização de gestores públicos e de toda a rede de profissionais da educação, das famílias e comunidades.

Retorno às Atividades Presenciais na Educação Infantil - Vol. 2
Acolhimento e Práticas Pedagógicas
Este documento foi produzido pela Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal.

Direitos e permissões
Todos os direitos reservados. É permitida a reprodução total ou parcial deste documento, desde que citadas a fonte e a autoria.

Sugestão de citação
Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal (2021) Retorno às Atividades Presenciais na Educação Infantil - Vol. 2 Acolhimento e Práticas Pedagógicas

Realização
Fundação Maria Cecilia Souto Vidigal
https://www.fmcsv.org.br

FUNDAÇÃO
Maria Cecilia
Souto Vidigal

CEO
Mariana Luz

Diretora de Relações Institucionais e Governamentais
Heloísa Oliveira

Diretor de Operações
Leonardo Hoçoya

Diretor de Conhecimento Aplicado
Eduardo Marino

Diretora de Comunicação
Paula Perim

Gerente de Comunicação
Ana Carolina Vidal Guedes

Gerente de Relações Institucionais e Governamentais
Beatriz Abuchaim

Gerente de Conhecimento Aplicado
Marina Fragata Chicaro

Líderes de Portfólio
Karina Fasson
Larissa Araújo Santos

PMO
Bethânia Alves

Analista de Comunicação
Nathália Florencio

Analista de Conhecimento Aplicado
Leila Sousa

Assistente de Conhecimento Aplicado
Letícia Monaco

Consultoras da área da saúde
Luciana Becker Mau
Ana Carolina Marcos
Vera Bain

Consultora em Educação Infantil
Márcia Gil

Especialista para elaboração da publicação
Ana Flávia Flôres

Leitores críticos
Claudia Sintoni
Patrícia Mota Guedes
Maria Edineide de Almeida Batista

Revisão textual
Lauzenir Fragoso

Projeto gráfico e diagramação
Marília Filgueiras

Apoio

Itaú Social
consed Conselho Nacional de Secretários de Educação
UNDIME União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação